

# Saga d'Ouro

Aurélio Furdela



# **Saga d'Ouro**

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

**Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.**  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[prelo.incm.pt](mailto:prelo.incm.pt)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

© Aurélio Furdela  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**TÍTULO**  
Saga d'Ouro

**AUTOR**  
Aurélio Furdela

**REVISÃO**  
Maria José Godinho

**CAPA**  
Rita Múrias

**CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO**  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**IMPRESSÃO E ACABAMENTOS**  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**1.ª EDIÇÃO**  
Maio de 2019

ISBN 978-972-27-2602-3  
DEPÓSITO LEGAL 452 949/19  
EDIÇÃO N.º 1023286

# Saga d'Ouro



Aurélio Furdela

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

## **Prefácio**

*De susto morreu a crítica*

Ubiratã Souza

Peço que me perdoem. É preciso começar por reflexões de cunho teórico. Dizia o professor Ngoenha em certa ocasião que uma reflexão sem teoria é como uma casa a ser construída sem uma planta. Por isso é preciso iniciar dizendo que, por mais que tergiversem, debatam, se confrontem e discordem as teorias e os métodos, parece ser assente que há duas maneiras possíveis de que a literatura estabeleça relações com a história. Uma delas é atávica, a outra pode ser mais ou menos arbitrária. Consoante a cada possibilidade, modificam-se no detalhe os significados tanto da palavra «literatura» quanto da palavra «história». Mas, vamos por partes.

A maneira atávica de a literatura estabelecer relações com a história não depende exatamente da literatura, mas depende do olhar crítico que deve reconstituir essa relação através do ato interpretativo. Refiro-me exatamente à historicidade da literatura enquanto fenómeno social — essa relação já está dada por hereditariedade: assim a literatura nasce, fiel às características remotas de sua ascendência. Reconstituir essa relação entre literatura e história durante o ato crítico é só um objetivo.

Chamo esta primeira relação entre literatura e história de «atávica» justamente porque ela é inelutável, é a essência da própria existência da literatura na sociedade. Não é arbitrária. Ela prescinde de qualquer possibilidade de esforço por parte do autor. Qualquer discurso humano é impregnado de uma historicidade que lhe estimula, fomenta e limita organizações e articulações específicas, mesmo na dimensão da linguagem. Ainda que o escritor busque negar essa relação, ainda que o crítico a dispense durante seu ato analítico, ainda que os leitores não deem por isso, ainda que essa relação seja completamente irrelevante: ela está lá. E os mínimos detalhes de organização da língua (seja uma peculiaridade no posicionamento do aposto predicativo, por exemplo) poderão, algures, ser usados como índices que

GatsiRucere postou-se mesmo à entrada do *zimbabwe*<sup>1</sup>, como que a contemplar o infinito de terras que a seus pés se estendiam. No ar, bossas de canto madrugador das aves, intercaladas aqui e ali com o bater seco de asas dos últimos morcegos a fazerem-se à toca. O olhar do Soberano esforçava-se por abarcar os limites do reino, demarcados com sangue vertido pela destreza da azagaia de Nhatsimba Mutota. A fronteira inseria riquezas que faziam GatsiRucere perder o sono, apenas de imaginar as investidas dos inimigos. Andavam sempre ocupados, a tecer tramas para o derrubar, quando não fosse da amizade dos mercadores asiáticos e portugueses a tentarem atrair a sua confiança, cada um do modo mais insidioso que o outro. Ladeado por dois ínfices,

---

<sup>1</sup> Casa de pedra.

sua guarda pessoal, o monarca aguardava pela chegada de Rumbidzai, o Grande Feiticeiro do Mwenemutapa.

Dispersas nuvens de corvos formavam-se no ar, de onde alguns desciam para pousar na negrura do corpo de GatsiRucere, adornado de vistosos colares de missangas multicolores, sobre as roupas *machilas*<sup>2</sup> coloridas, sem talhe específico, mas a calhar com a imagem de homem bem ataviado que dele se podia imaginar. Estava tomado de ansiedade, denunciando no semblante o aspeto de quem não fazia caso da praga de corvos, clara revelação do estado de podridão que grassava o Mwenemutapa.

A calma estampada no rosto de GatsiRucere contrariava o tremor que sentia no joelho, a acusar um tique nervoso, visível agora em quem não pregara olho a noite toda. O Mambo<sup>3</sup> era de espírito talhado de impaciência, a lançá-lo para contar o tempo especado à porta, até ver chegar os visitantes por si intimidados. Acrescido à ansiedade, sobrevinha-lhe o carácter colérico que, apesar da estatura aquém do mediano, o tornava nada piedoso para quem se desse à veleidade de

---

<sup>2</sup> Tecidos de algodão.

<sup>3</sup> Soberano do Estado do Mwenemutapa.



o afrontar. Não lhe incomodava a ideia de estabelecer alianças com alguns inimigos, ou fazer qualquer negócio com as trevas, a fim de garantir a perenidade do poder.

Para chegar-se ao *zimbabwe* do Mambo, uma passadeira subia, vagarosa, pincelada por uma névoa sombria, a emprestar-lhe o aspeto de algo que ia desmaiar mesmo à entrada da casa. O *zimbabwe* surgia destacado ao longe pelo indistintível tamanho, entre os outros erguidos dentro do amuralhado de pedra que os cercava. No cintado de pedra, tudo estava estruturado de modo a conferir conforto à família do Soberano e aos próximos. Era da estrutura de pedra das casas que lhes vinha o majestoso nome, *zimbabwe*.

Dentro da cidadela, a abundância e o ócio viviam longe da miséria e do trabalho árduo do exterior, onde a nudez e a fome se assenhoreavam das *musha* como líquen agarrado a um galho. Na sorte da comunidade aldeã, longe da esperada simbiose, pesava sobre a *musha* o dever de garantir a manutenção da vida do amuralhado, através do pagamento de uma gama de impostos, fora o trabalho na mineração de ouro, esse precioso alimento do comércio que fazia de Sofala uma janela do Índico aberta para Oriente, de onde provinham as misangas, os tecidos, as louças, os vidros e os demais bens de prestígio que marcavam a linha divisória

Se por engano um destes répteis capturasse um filho da terra, bastava o bicho apresentá-lo aos *Mpondoro* para que estes ordenassem o regresso à terra firme. Aos familiares do infeliz, impunha-se um ritual de oferendas, nas quais não deviam faltar rapé, cereais e aguardente, assim como alguns dias de privação sexual. Durante o tempo que se mostrasse necessário, aqueles também se dispunham aos deuses com danças e cânticos alegres, ao longo das margens do rio. Aí, ao fazer-se noite, surgia uma lua cheia e os crocodilos traziam a presa de volta ao convívio dos vivos. Apenas a carne dos *votorua*<sup>5</sup> saciava a fome dos espíritos. Depois do resgate, podia ver-se os crocodilos a exhibir a dentadura nos bancos de areia, ou a capturar insetos e outros voadores.

Entre a massa negra que se abeirava de Rumbidzai, um ponto branco se destacava, a cabeça rapada de Gaspar, Gaspar Menzi, um velhaco português que servia de ajudante de Rumbidzai na arte de decifrar as mensagens do Além. Gaspar Menzi foi parar ao Mwenemutapa guiado pelos passos da loucura, errante depois de expulso pelos companheiros da tropa destacada pela coroa para

---

<sup>5</sup> Indivíduo de procedência estrangeira.

## ÍNDICE

Prefácio .....	7
----------------	---

### SAGA D'OURO

Primeiro dia .....	21
Segundo dia .....	55
Terceiro dia.....	89
Quarto dia.....	105

Nesta saga Furdela enlaça sem pretensão de costurar os fragmentos narrativos apresentados ao leitor. E se um texto tem tempo, esse é veloz e requer atenção. Se diante do mesmo estiver um leitor atento, esse pode e será jogado em uma viagem de fluxo contínuo em que a história está e se mantém em aberto. O autor com seu extenso vocábulo tece-jogando com diferentes palavras (idiomas), enquanto perpassa propositadamente desatento por lugares, costumes, tradições, vícios e virtudes.

Num livro que deixa espaço para ambiguidades e metamorfoses, o autor surrealiza com destreza, e enquadrá-lo em qualquer categoria confortável seria como impor limites ao já escrito e ao que há de ser lido-percebido. Em *Saga d'Ouro*, a malícia é dosada, a ironia é apimentada e se mantém longe do sarcasmo. Um livro pronto para ser lido mais de uma vez...

CLEBER SADOLL COSTA

Apoio



N I M P R E N S A  
N A C I O N A L